



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

1º ano de Mestrado em Ciências da Comunicação –
Ramo Profissionalizante Informação e Jornalismo

Ano Letivo 2021/2022: 1º Semestre

Discentes:

Juliana da Silva Soares (PG46044);
ju.soares1112@gmail.com

Raquel Leonor Ricardo Fernandes (PG45672);
raquelf99@gmail.com

Docentes:

Felisbela Lopes

Luís Miguel Loureiro

Rita Araújo

Análise da narrativa jornalística

“Amor Sem Fim” (Segundo episódio)

Trabalho realizado na Unidade Curricular de

Narrativas Jornalísticas

novembro 2021

Índice

Introdução	2
1. Desconstrução do fio condutor da narrativa.....	3
1.1) Música.....	3
1.2) Recurso à analepse	3
1.3) Registos fotográficos, videográficos e sonoros	3
1.4) Narradores.....	3
1.5) Intervenções do jornalista	3
2. Fontes que sustentam a narrativa	4
Considerações finais	5
Referências.....	6

Introdução

“Amor Sem Fim” é uma minissérie documental da TVI constituída por quatro episódios, cuja transmissão televisiva decorreu entre os dias 3 e 6 de fevereiro de 2020. Esta reportagem é da autoria de Emanuel Monteiro, com imagem de André Lico, edição de Miguel Freitas e coordenação de Alexandra Borges. Debruça-se sobre a história de amor de Ângela e Hugo, doente oncológico, e o sonho do casal de serem pais, que prevaleceu mesmo quando a tragédia assumiu as rédeas do seu conto de fadas.

A escolha desta reportagem foi, desde logo, motivada por um interesse pessoal na emocionante história dos dois jovens, mas também académico, tendo em conta o seu potencial narrativo, que se revelou ideal para o desenvolvimento do presente projeto. Além disso, a prática de um jornalismo de causas instigou a nossa curiosidade, nomeadamente o tipo de abordagem escolhido pelo jornalista para explorar esta história tão delicada e dolorosa.

Apesar de ser composta por quatro partes, optamos por analisar apenas um dos episódios da minissérie, escolha que consideramos ser a mais adequada ao limite determinado para a extensão deste trabalho. Neste sentido, focamo-nos no segundo episódio, uma vez que integra o clímax narrativo e, consequentemente, é rico em recursos imagéticos, videográficos e sonoros, assim como alguns dos testemunhos mais emotivos de toda a reportagem. Por outro lado, é também este o episódio onde é revelado o sonho que ficou por cumprir pelo casal, antes da morte de Hugo, e no qual se basearam as duas instalações seguintes.

Contudo, e visto que este episódio não tem o seu começo no início da narrativa, sentimos a necessidade de apresentar um breve resumo da primeira parte, apenas por motivos de contextualização. O episódio introdutório da reportagem recai sobre o percurso do casal, desde o primeiro impacto até ao início daquele que viria a ser o período crítico e final da relação. É caracterizado por um discurso mais leve, devido à natureza dos testemunhos dos entrevistados, que recontam acontecimentos felizes e descrevem Hugo como sendo um bom companheiro/amigo.

Para terminar, a estrutura deste trabalho é composta por três partes. Uma primeira dedicada à desconstrução do fio condutor da narrativa, dividida em alíneas para possibilitar o comentário individual de cada um dos seus elementos. De seguida, um segundo capítulo referente às fontes que sustentam a narrativa e respetiva apreciação crítica. Ultimamente, são feitas as considerações finais, que incluem um aprofundamento do recurso a um jornalismo de causas e a identificação dos aspetos positivos e negativos do episódio, na sua generalidade.

1. Desconstrução do fio condutor da narrativa

O segundo episódio de “Amor Sem Fim” dispõe de vários elementos que desempenham papéis importantes na construção da narrativa. Em seguida, propõe-se uma análise de cada um deles, com o intuito de perceber qual o propósito e efeito da sua inserção nos diferentes momentos desta segunda instalação.

1.1) Música

A sua presença/ausência é fulcral, uma vez que funciona como um estímulo emocional, estabelece o tom pretendido para determinado momento da narrativa e, por vezes, marca um período no tempo. No episódio em análise é utilizada a mesma música (propicia a provocar sentimentos de tristeza, perda, mágoa, etc., no telespectador), tanto na abertura como no encerramento¹, uma vez que acompanha imagens ou testemunhos referentes ao período de tempo após a morte de Hugo. A participação de música com uma forte vertente emotiva/sentimental/melancólica é uma constante ao longo de todo o episódio, contrastando com alguns momentos de silêncio (ou nos quais se ouvem apenas os entrevistados). Desta maneira, pretende-se um maior foco sobre aquilo que está a ser dito, ou até mesmo enfatizar a falta de palavras. A narrativa serve-se deste **jogo entre silêncios e música** para conseguir extrair determinada emoção/reacção do telespectador.

1.2) Recurso à analepse

Tal como o seu antecessor, o segundo episódio tem o seu início no presente, mas recua no tempo para a narração de eventos ocorridos anteriormente. O recurso a uma segunda interrupção da sequência cronológica narrativa, ou seja, a repetição do já sucedido no primeiro episódio, situa o telespectador no tempo da ação. Mesmo que este último assista à segunda instalação da reportagem primeiramente (antes do 1º episódio), consegue perceber que a abertura (imagens de Ângela a percorrer a cidade do Porto e a ler mensagens deixadas por Hugo) corresponde ao presente², e que o que se segue é a continuação da história deixada no episódio anterior. Para além disso, pretende-se, com a analepse, fazer uma distinção vinculada entre a vida de Ângela com e sem Hugo.

1.3) Registos fotográficos, videográficos e sonoros

Todos estes elementos acompanham a narrativa ao longo do episódio, carregando-a de realismo e emoção. Ajudam a reforçar aquilo que é dito pelos entrevistados, existindo uma sincronia entre imagem, vídeo ou áudio e os testemunhos.

1.4) Narradores

A história é contada por Ângela e amigos ou familiares do casal, que testemunharam de perto a tragédia de Hugo. São estas as vozes que conduzem a narrativa, dando-lhe veracidade, através de um discurso repleto de emotividade. Apesar de serem vários os intervenientes, a voz de Ângela é a principal na narração e aquela que contém um peso maior, uma vez que vivenciou os acontecimentos relatados. Neste sentido, podemos caracterizar os restantes narradores como homodiegéticos e Ângela como autodiegética. Enquanto personagem principal, os seus testemunhos lideram o curso da narrativa, que são, posteriormente, complementados por informação secundária.

1.5) Intervenções do jornalista

São poucas as vezes em que é possível ouvir o jornalista durante o episódio. No entanto, uma pergunta em específico é propositadamente incluída na narrativa: “Mas ainda havia um grande sonho por cumprir?”.³ A respetiva resposta revela o cerne da reportagem (avançar com o desejo de serem pais, mesmo depois da morte de Hugo), que viria a ser explorado nos episódios seguintes.

¹ Ver minuto 1 e segundo 50; minuto 23 e segundo 55 do episódio 2

² Ver minuto 2 e segundo 10 do episódio 2

³ Ver minuto 4 e segundo 45 do episódio 2

2. Fontes que sustentam a narrativa

A narrativa jornalística recorre a várias fontes e todas elas acrescentam algo à reportagem. No total, ao longo da segunda instalação da minissérie documental, contamos com 11 fontes que sustentam a narrativa, todas elas familiares e amigas do casal.

O segundo episódio começa com a leitura de frases deixadas por Hugo a Ângela⁴, sendo que a voz que lê essas frases é semelhante à do jovem de 29 anos, reproduzida em mensagens de voz ao longo da reportagem. Posteriormente, são ouvidos vários testemunhos, incluindo o de Ângela, que pode ser considerada a fonte principal e, uma vez que era a companheira de Hugo, revela pormenores da relação e dos sonhos que ficaram por cumprir após a morte do marido. Relativamente às fontes secundárias, cuja reportagem dá visibilidade a vários amigos e familiares do casal, concluímos que estas complementam aquilo que a viúva enuncia.

Além disso, são introduzidos vídeos e mensagens de voz que o doente oncológico enviava à sua esposa e amigos, de maneira a dar destaque aos momentos que vão sendo lembrados sobre o casal. Quase no final desta instalação é inserido um registo videográfico, feito por Hugo, a anunciar às pessoas que seguiam o seu trabalho como cabeleireiro, a doença que lhe tinha sido diagnosticada.

Ao observar os dois primeiros episódios, percebemos que os testemunhos que sustentam a reportagem não são excessivos, uma vez que cada um dos 11 entrevistados dá-nos a sua perspetiva sobre o que aconteceu. Todas as fontes enriquecem a informação, pois cada uma vivenciou aquele período de maneira diferente. Cada uma manifesta o seu lado mais emocional, mas também de forma distinta. Umas revelam-se tristes e abatidas com tudo o que aconteceu aos jovens e outras tentam mostrar um lado mais descontraído e alegre ao lembrar Hugo, que faleceu vítima de cancro.

Relativamente às fontes, podemos, ainda, constatar uma escassez de membros familiares de ambos, visto que os episódios contam só com a participação da mãe do falecido e da madrinha de Ângela. Porém, consideramos não ser significativa porque, de acordo com os registos fotográficos e videográficos, foram estas as pessoas que acompanharam de perto o percurso do casal até à morte de Hugo e que, hoje em dia, continuam a apoiar Ângela e a sua luta.

⁴ Ver minuto 2 e segundo 5 do episódio 2

Considerações finais

Esta reportagem exibida pela TVI tem como principal aliada a carga emocional incontestável que a história transporta consigo. Deste modo, a amplificação dessa vertente emotiva, através da introdução de elementos estratégicos na narrativa (Capítulo 1), tem como objetivo sensibilizar o espectador, envolvendo-o. Para isso, é oferecida a Ângela uma plataforma que dá voz à sua luta e permite que o seu percurso seja acompanhado por milhares de pessoas.

Segundo o jornalista e escritor Armando Baptista-Bastos

o jornalismo de causas é sobretudo o porta-voz daqueles que não têm voz. É o jornalismo em que não há factos. Os factos correspondem à visão do mediador, do repórter. É o jornalismo de indignação, que não é indolor e incolor (Bastos, s.d.).

Neste sentido, é indubitável a prática de um **jornalismo de causas** com esta minissérie. A luta de Ângela tornou-se a luta de muitos portugueses, que se mostraram solidários com o caso e assinaram a petição lançada pela viúva. Consequentemente, foram reunidas dez vezes mais assinaturas do que as necessárias para aprovar a mudança de uma lei, que não permite a Ângela engravidar do marido que morreu. Por conseguinte, esta reportagem faz chegar a um número significativo de pessoas uma história que, de outra forma, permaneceria perdida no meio de tantas outras. O **jornalismo de causas** tem, por tudo isto, o propósito de tornar públicas histórias reais, que albergam problemas sociais ou realidades desconhecidas/esquecidas, e que requerem uma consciencialização e mudanças urgentes. No caso de “Amor Sem Fim”, a equipa da TVI serve-se de recursos jornalísticos para dar visibilidade a um dos exemplos de tentativa de inseminação pós-morte, tema controverso e alvo de opiniões divergentes.

No que diz respeito aos **aspetos negativos** desta narrativa, realçamos a falta de uma descrição ou explicação mais precisa da doença de Hugo, que só é realmente abordada numa fase muito avançada desta instalação. Tanto no primeiro como no segundo episódios não é especificada a doença que o marido de Ângela tinha, sendo apenas mencionada a palavra cancro no final do segundo⁵. Ainda assim, o tipo de cancro não é especificado. Em certos momentos da reportagem, Ângela deixa vestígios da doença, através de expressões como “não tinha a perceção do estado real do Hugo”, “ciclos de quimioterapia” e “foram tirados dois pólipos”, mas não é dito nem explicado, em momento algum, o tipo de cancro do qual Hugo foi vítima. Da mesma forma, os familiares e amigos do casal não revelam informação relevante acerca deste tópico. À vista disso, consideramos que o tratamento narrativo da doença é uma grande falha a apontar ao primeiro e segundo episódios. Na maioria das narrativas jornalísticas, estão presentes especialistas que aprofundam temas dentro da sua área. Seguindo esta linha de pensamento, acreditamos que a inclusão de testemunhos de profissionais de saúde beneficiaria a narrativa, providenciando esclarecimento às pessoas que assistem à reportagem.

Todavia, o episódio em análise transborda de **aspetos positivos**. A sincronia entre imagem, vídeo, som e entrevistas é sempre muito bem conseguida, tornando a experiência mais cativante para o espectador. Também, a utilização de imagens de Ângela nas ruas do Porto (abertura) está repleta de significação, uma vez que foi na cidade do norte que o casal viveu e onde Hugo acabou por morrer. Aqueles espaços contêm em si grande parte das memórias e história da sua relação. Ainda, a reconstituição dos acontecimentos está concebida com o devido cuidado e sem uma exposição exagerada.

⁵ Ver minuto 22 e segundo 16 do episódio 2

Em suma, “Amor Sem Fim” conseguiu tocar o coração de muitos portugueses que se manifestaram, de entre outras maneiras, através de comentários nas redes sociais. Por conseguinte, esta história de amor, que poderia ter a tragédia como ponto final, perdura agora na esperança de que, um dia, o sonho de Ângela e Hugo se possa concretizar.

Referências

Bastos, A. (s.d.). Jornalismo de causas (Post em blogue). Retirado de glossariodasimpertinencias.blogspot.com.

TVI24 (2020). “AMOR SEM FIM” (EPISÓDIO 1): “O HUGO É O AMOR DA MINHA VIDA”. Retirado de [“Amor Sem Fim” \(Episódio 1\): “O Hugo é o amor da minha vida” | TVI24 \(iol.pt\)](#).

TVI24 (2020). “AMOR SEM FIM” (EPISÓDIO 2): “FALTA-ME SER PAI NOVAMENTE”. Retirado de [“Amor Sem Fim” \(Episódio 2\): “Falta-me ser pai novamente” | TVI24 \(iol.pt\)](#).